



Eixo: Serviço Social, fundamentos, formação e trabalho profissional.

Sub-eixo: Fundamentos históricos e teórico-metodológicos.

MIKHAIL BAKHTIN E A PESQUISA NO SERVIÇO SOCIAL: APROXIMAÇÕES POSSÍVEIS

JACQUELINE TATIANE DA SILVA GUIMARÃES¹

Resumo: Realizamos uma abordagem teórica sobre a pesquisa no Serviço Social e as contribuições da Filosofia da Linguagem, de Mikhail Bakhtin, autor da obra "*Marxismo e Filosofia da Linguagem*". Inicialmente, abordamos sobre a particularidade da pesquisa no Serviço Social. Posteriormente, indicamos a Filosofia da Linguagem enquanto instrumento analítico de base crítica, que considera os aspectos e as influências do contexto cultural, político e ideológico nas falas dos sujeitos. Tais aspectos são fundamentais para as investigações do Serviço Social uma vez que é uma profissão imersa numa realidade social que se produz e reproduz por inconciliáveis contradições e conflitos.

Palavras-chave: Pesquisa; Serviço Social; Filosofia da Linguagem; Mikhail Bakhtin.

Abstract: We make a theoretical approach on research in Social Work and the contributions of the Philosophy of Language, by Mikhail Bakhtin, author of the book "*Marxism and Philosophy of Language*". Initially, we approached the particularity of Social Service research. Subsequently, we indicate the Philosophy of Language as a critical analytical tool, which considers the aspects and influences of the cultural, political and ideological context in the subjects' speeches. Such aspects are fundamental for the investigations of Social Service since it is a profession immersed in a social reality that is produced and reproduced by irreconcilable contradictions and conflicts.

Keywords: Search; Social Work; Philosophy of Language; Mikhail Bakhtin.

I INTRODUÇÃO

A gênese da profissão do Serviço Social está intimamente ligada à realidade da produção e reprodução social imposta pelo Modo de Produção Capitalista, acarretando novas proporções à questão social, que é o conjunto das diversas expressões da desigualdade produzida pela sociedade vigente, no qual a própria origem da profissão é marcadamente relacionada à história do Capitalismo e com as suas variáveis: a alienação, contradição e antagonismo (MARTINELLI, 2006).

¹ Professor com formação em Serviço Social. Universidade Federal do Pará. E-mail: <jacquimaraes@ufpa.br>

Enquanto profissão que lida diretamente com as complexidades da realidade social indica-se a importância de uma atuação profissional que venha acompanhada de um processo de reflexão teórica que subsidie a sua prática cotidiana e para tal se faz imprescindível de que este profissional também traga consigo o perfil de pesquisador. Maria Nicolau (2004) nos permite a compreensão da importância da atuação do fazer profissional para avanço da discussão teórica; e da reflexão teórica para o *fazer profissional* - pois não há teoria sem prática e vice-versa.

O destaque dado à ação investigativa, não pretende negar a importância dada à dimensão interventiva, no qual ambas devem ser vistas em íntima relação, contribuindo numa relação dialética entre a teoria e a prática (SETÚBAL, 2007), relação esta que também é dialógica². A pesquisadora Potyara A. P. Pereira (2005) ressalta que a pesquisa não deve ser percebida como um *luxo intelectual* e sim uma necessidade natural e lógica da profissão, tonando-se condição de possibilidade de ruptura com as práticas voluntaristas, tópicas e impensadas.

No fazer profissional estamos em contato com relatórios, documentos e diferentes sujeitos que nos fornecem informações e dados que nos permitem compreender a realidade social, nos defrontando com diferentes questionamentos e problemáticas que necessitam ser sistematizados. Todavia, para que a produção do conhecimento ocorra é necessário que o profissional esteja capacitado teórico-metodologicamente. Karel Kosik (2002), em sua obra "*Dialética do Concreto*", ressalta que a garantia do êxito da pesquisa/investigação está na riqueza cultural do sujeito que pesquisa, afirmando que o "*Investigador ignorante, pesquisa estreita*". Para o referido teórico a riqueza do pesquisador implica no conhecimento deste sobre os vários modelos e padrões analíticos, devendo trabalhar segundo as suas opções que devem ser explicitadas.

Portanto, sinalizamos para a importância de que o profissional do Serviço Social, que ao ser interventivo e também investigativo, deve estar

² Na perspectiva bakhtiniana as relações dialógicas se expressam nas relações de sentido que são estabelecidas entre dois processos que aparentemente parecem distantes e diferentes no contexto histórico.

atento às diferentes teorias e metodologias que aliada a uma perspectiva crítica de produção do conhecimento, lhe permita conceber as diferentes formas de refletir sobre o real e o seu constante movimento. Assim, o presente artigo tem como principal objetivo refletir sobre a pesquisa no Serviço Social, bem como oferecer elementos que permitam demonstrar a coerência do constructo teórico de Mikhail Bakhtin com a trajetória de pesquisa e gênese teórica do Serviço Social.

Cabe destacar inicialmente, que Mikhail Bakhtin não trabalhou sozinho e teve colaborações do linguista Valentin Voloshinov (1895 - 1936) e do teórico literário Pavel Medvedev (1891 - 1938), formando assim o *Círculo de Bakhtin*. Dentre as principais obras deste grupo destacamos as seguintes: “*Estética da Criação Verbal*” (2010); “*Para uma Filosofia do Ato Responsável*” (2012); e “*Marxismo e Filosofia da Linguagem*” (2012). Porém tomamos como principal referência esta última.

Deste modo, apresentamos a Filosofia da Linguagem, que no seu constructo teórico sobre o discurso oferece importantes elementos para a análise dos diferentes discursos, seja oral ou escrito. Para a Filosofia da Linguagem, a língua/linguagem/discurso são produtos histórico-sociais que não são espaços de neutralidade, quando na verdade são demarcados por diferentes disputas ideológicas. As considerações de tais aspectos são fundamentais para as investigações do Serviço Social uma vez que é uma profissão imersa numa sociedade que se produz e reproduz por inconciliáveis contradições e conflitos econômicos, políticos, sociais e culturais, próprias às sociedades que estão sob o signo do Capital.

II PESQUISA E SERVIÇO SOCIAL

Lara (2007) ao nos apresentar um debate sobre a pesquisa e o Serviço Social, traz para reflexão as reais intenções do “fazer científico” que estão intimamente relacionados a uma sociedade burguesa que visa sustentar e manter o capital. Pautando-se em Lukács (1981), o autor salienta que as ciências sociais ao estarem submetidas à concepção burguesa de ciência

acaba passando por um processo de “especialização mesquinha”³, que fragmenta o conhecimento e o real, além de oferecer um status pragmático à produção do conhecimento, tornando-o mero instrumento contemplativo dos fenômenos, estando restrito à aparência.

Setúbal (2005) afirma que por vezes os sentidos que têm sido atribuídos à pesquisa, bem como seus objetivos e o seu desenvolvimento, tem contribuído para o obscurecimento da importância da produção científica, dado que vem ocorrendo em diferentes ramificações das ciências, não sendo algo exclusivo do Serviço Social. Obscurecimento que se dá no momento em que se observam pesquisas que se centram em problemas remotos, esvaziados de interpretação ampla e profunda, que comumente se expressa na elaboração de um conhecimento que se limita a vaguear a realidade, sem privilegiar uma perquirição que vise abarcar a concretude da história.

Tal “*especialização mesquinha*” ao ser somado à falta de diálogo entre as áreas gera um conhecimento fragmentado, colaborando para uma compreensão do homem e da sociedade como partes isoladas das dinâmicas sociais e do processo histórico. A perspectiva epistemológica marxista revela um caráter de ruptura deste quadro, tomando os objetos inseridos dentro de uma totalidade social que ao serem concretos são históricos.

A pesquisa gera a produção do conhecimento e representa a sistematização da realidade social que permite ao profissional apreender as intrincadas conexões do real e deste modo construir um caminho seguro que lhe permita formular respostas concretas ao longo das suas intervenções. Logo, compreende-se que a “perspectiva ontológica” como caminho teórico-metodológico para a apreensão e sistematização da realidade social. (LARA, 2007)

Observa-se que as pesquisas do Serviço Social ao pretenderem se distanciar de um posicionamento neutro e objetivo, comumente recorreu e recorre às pesquisas qualitativas. Para Flick (2009) a pesquisa qualitativa trabalha, acima de tudo, com textos, em que os métodos para coleta de

³ LUKÁCS, G. *Introdução a uma estética marxista* – sobre a particularidade como categoria da estética. Tradução de Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970.

informações (destacando-se a entrevista e a observação) produzem dados, que a partir de gravações e transcrições, transformam-se em textos. Não há como negar ou desconsiderar que corriqueiramente no nosso processo de pesquisa estamos lidando diretamente com textos e discursos.

A linguagem ainda é pouco explorada analiticamente no Serviço Social. Como muito bem destacado por Charles Toniolo de Souza (2008), a linguagem também é instrumento do Serviço Social, pois permite a interação, realiza as aproximações e torna possível os vínculos. A linguagem torna possível a construção da identidade dos diferentes grupos sociais.

Bagno (2014, p. 11) diz que “Somos seres feitos de carne, osso e linguagem”, ou seja, somos corpo físico, mental, cognitivo e comunicativo. No processo de comunicação que realiza por meio da linguagem, interagimos com o outro dando início aos primeiros passos de uma relação política, de negociação e conflitos. Somos animais políticos.

A linguagem precisa ser compreendida em dois planos: o do indivíduo e o da sociedade. Bagno, continua argumentando que: “Se ser humano é ser na linguagem, **ser humano também é ser social**, de modo que linguagem e sociedade são indissociáveis: tentar separá-las é como tentar negar a existência de um dos de uma folha de papel, de uma das faces de uma moeda” (Idem, grifo do autor). Deste modo:

A língua é um **trabalho social** empreendido coletivamente por todos os membros da comunidade que a utilizam. Cada um de nós não é um mero ‘usuário’ da língua que falamos: nós também somos os *produtores, os cultivadores, os preservadores, os transmissores, os transformadores* dessa língua que nos pertence a cada um de nós como indivíduo e como membro de um grupo social que partilha uma mesma cultura” (BAGNO, 2014; p. 14)

O homem enquanto um ser social se constrói e reconstrói coletivamente a partir de interações que são estabelecidas entre os sujeitos, conseqüentemente não existe sujeito isolado, mas sim **sujeitos coletivos** que se constroem no processo de trabalho, enquanto práxis humanas. Relação esta que pressupõe em **Intersubjetividade e dialogicidade**, na medida em que não há como desconsiderar que a relação entre os sujeitos se estabelece por meio da **linguagem**, seja oral ou escrita, por meio de criação de códigos, símbolos e signos.

Sousa Jr. (2010) nos diz que a noção de linguagem como um dos elementos fundamentais da práxis humana não é comum na tradição marxista, representando, para alguns críticos, “como uma das grandes lacunas de Marx e do marxismo”. Contrariando o posicionamento dos críticos, o referido autor, argumenta que **Marx** lançou bases para a construção de uma rica e crítica concepção de linguagem, pois reconheceu a **linguagem como um elemento da práxis, sendo histórica, social e unida à consciência, em que o indivíduo não pode considerar a linguagem como algo somente seu**, sendo um absurdo acreditar que a linguagem é criada por um indivíduo em estado de isolamento, quando na verdade é de uma **comunidade humana** (MARX; ENGELS, 1985 apud SOUSA JR., 2010).

Tal afirmação constata-se em:

[...] a própria língua na qual o pensador é ativo – me é dado como produto social, a minha própria existência é atividade social; por isso o que faço a partir de mim, a faço a partir da sociedade, e com a consciência de mim com um ser social (Marx, 1844).

A língua ao ser construída coletivamente e utilizada pelo ser social como forma de estabelecer interações, logo é produto social, não estando submissa à regras que a tornem fixa e imutável. Mikhail Bakhtin compartilha da compreensão de que as ciências humanas, diferente das ciências exatas e naturais, lidam com o homem, mas é **o homem enquanto produtor de texto** e enunciador discursivo. Longe de pôr em questão o que seriam as ciências humanas e seus paradigmas, considera-se válido as argumentações do teórico, de que o pesquisador de **texto** não se mantém na formação de um conhecimento monológico, tal qual ocorre nas demais ciências. As ciências humanas, assim como as sociais, ao lidarem com os sujeitos estão lidando com um conhecimento dialógico, haja vista que os sujeitos enquanto produtores de textos não são mudos (BARROS, 1997).

Demarca-se que não se lida com o discurso falado ou escrito numa relação esvaziada, mas sim os vê enquanto discursos realizados por diferentes sujeitos que estão imersos num imenso cenário político, econômico, social e cultural, inscrito no tempo e no espaço, que influi e reflete a consciência daqueles que os produziram. Uma consciência que não é individual e criada num plano subjetivo independente da materialidade, mas sim que é coletiva e

fundada na realidade material, que é histórica e social, revelados nas falas dos sujeitos.

Compreendemos que a teoria bakhtiniana ao ser orientado pela *dialética materialista* busca contemplar o melhor possível uma análise objetiva da realidade, realizando exaustivas explorações, buscando apreender o conjunto dos procedimentos científicos disponíveis, no qual visa atingir os aspectos e os movimentos contraditórios internos, porque o objeto é tomado como totalidade e como unidade de contrários, tendo como desafio o captar dos conflitos, o movimento e a tendência predominante de sua transformação (SANFELICE, 2008).

A análise do discurso bakhtiniana comumente esteve restrita à análise de textos escritos, porém diante de novas produções científicas no campo da comunicação, estudos literários e da educação, esta passou a ser adotada para a análise de diferentes discursos que não estariam restritos à escrita literária, sendo amplamente utilizado para análise de discursos políticos. Bakhtin (2014, p. 128) expõe em “Marxismo e Filosofia da Linguagem”, que “[...] o discurso escrito é de certa maneira parte integrante de uma discussão ideológica em grande escala: ele responde a alguma coisa, refuta, confirma, antecipa as respostas e objeções potenciais, procura apoio, etc.”.

III A PERSPECTIVA ANALÍTICO-DISCURSIVA DE MIKHAIL BAKHTIN

Não existe somente uma forma de *análise do discurso*, há uma variedade de diferentes enfoques no estudo dos discursos, se desenvolvendo a partir de diferentes tradições teóricas. No entanto, destacamos a filosofia da linguagem de Mikhail Bakhtin enquanto instrumento analítico que oferece possibilidades de uma análise teórica e crítica, que considere os aspectos e as influências do contexto cultural, político e ideológico nas falas dos diferentes sujeitos.

Em Bakhtin encontraremos uma visão de língua, linguagem, e conseqüentemente de discurso, enquanto produtos histórico-sociais, que transpõem a percepção dessas como algo meramente neutro, rígido e restrito,

tal qual o concebe as concepções das correntes funcionalistas e estruturalistas, além de transcender os modelos teóricos da linguagem idealista. Na compreensão histórico-social e dialógica bakhtiniana, a língua é concebida como um fenômeno social, no qual a realidade linguística não pode estar limitada a sistemas abstratos de normas, pois os indivíduos no momento da interação exercem uma prática viva da língua.

A língua (composta por signos é um sistema de expressão e de comunicação de um grupo social) e a linguagem (como qualquer processo de comunicação, verbal ou não) compõem o discurso que enquanto ato individual ou coletivo é o ato concreto dessas estando fortemente arraigadas ao contexto de quem fala e das intenções que emergem na interação social. A língua e a linguagem são concretas e são produtos da manifestação individual de cada falante constituindo-se em fenômeno social que se funda na necessidade de comunicação, envolvendo o **contexto** e as **intenções** nas ações de **interação verbal** (BRANDÃO, 2012). Este aspecto denota que os **sentidos** de uma palavra, de um *enunciado* e de um *discurso* dependem do contexto, que implicam em formas específicas de interação que irão determinar o enunciado. Ou seja, para Bakhtin (2012, p. 153):

A língua não é o reflexo das hesitações subjetivo-psicológicas, mas das relações sociais estáveis dos falantes. Conforme a língua, conforme a época ou os grupos sociais, conforme o contexto presente tal ou qual objetivo específico, vê-se dominar ora uma forma ou outra, ora uma variante ora outra.

A língua é reflexo das relações sociais estáveis, no qual estão imersos os falantes. Desta forma, as críticas de Bakhtin se dão no sentido de demonstrar que a linguagem não seria tão somente um sistema abstrato de formas (objetivismo abstrato) e nem uma simples enunciação monológica isolada (subjetivismo idealista), posições que impedem a percepção da real natureza da linguagem, que é de **código ideológico** (JOBIM E SOUZA, 2012).

Na concepção analítica bakhtiniana deve-se a relação entre a enunciação e o contexto em que esta ocorre, pois a enunciação não é isolada, fechada e monológica se assim o fosse, seria *monólogos mortos* (JOBIM E SOUZA, 2012). Desta percepção emerge não somente o enunciado como objeto dos estudos da linguagem, mas também se destaca a **situação da**

enunciação, que exerce importante papel para a compreensão e explicação da estrutura semântica de qualquer ato de comunicação verbal (BRANDÃO, 2012).

A situação no qual se dá a enunciação constitui-se em um dos principais aspectos no momento de análise e compreensão do discurso, haja vista que o valor do enunciado não é simplesmente determinado pela língua, enquanto um sistema puramente linguístico e sim pelas diversas formas de interação que são estabelecidas pela língua com a realidade, com o sujeito falante e com outros enunciados que emergem no ato da comunicação, que podem ser verdadeiros, falsos e belos (JOBIM E SOUZA, 2012).

Mikhail Bakhtin, ao visualizar as relações mais amplas que perpassam a língua e a linguagem, propôs uma teoria do enunciado, atribuindo importância ao **contexto da enunciação, que seria a parte não verbal da linguagem** (BRANDÃO, 2012), concluindo que

Na realidade, não são palavras que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis etc. *A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial.* (BAKHTIN, 2012, p. 98-99; grifo do autor).

A **palavra**, ao ser produto da interação social e caracterizada por sua plurivalência, reveste-se em signo ideológico, logo sendo lugar de **manifestação da ideologia**. A ideologia envolve as diferentes formas de significar a realidade de acordo com as diferentes vozes e vista dos que a empregam. A palavra torna-se *“arena de luta de vozes que, situadas em diferentes posições, querem ser ouvidas por outras vozes”*, revelando assim o seu caráter dialógico (BRANDÃO, 2012).

Logo, salientamos que nenhuma palavra é neutra. Na trama conceitual bakhtiniana a linguagem ao ocupar um espaço privilegiado é tratada no seu sentido amplo, estando composta por conteúdos ideológicos, que revelam que a palavra é a arena onde se darão os confrontos dos valores sociais que podem ou não ser contraditórios entre si e estão de acordo com as diferentes e diversas entonações sociais presentes no discurso que os sujeitos estabelecem entre si no processo dialógico.

Para o cientista social marxista Michael Löwy (2015) é difícil de encontrar um conceito tão complexo e repleto de significado como o conceito de *ideologia*, que conforme o mesmo não teve a sua origem em Karl Marx e sim no filósofo francês Destutt de Tracy, em 1801, que a utilizou como um subcapítulo da zoologia. Esta definição teve desdobramentos no termo ideólogos/ideologia utilizada por Napoleão Bonaparte a fim de indicar “especulação metafísica” ao se referir ao grupo de Tracy, por volta de 1812.

É justamente este sentido que Karl Marx entra em contato, passando a utilizá-lo tomando o viés napoleônico na sua obra “Ideologia Alemã” a partir de 1846. Sobre o conceito de ideologia que surge na referida obra Löwy (2015, p. 18-19) diz:

Em *A ideologia alemã*, o conceito de ideologia aparece como equivalente à ilusão, falsa consciência, concepção idealista na qual a realidade é invertida e as ideias aparecem como motor da vida real. Mais tarde Marx amplia o conceito e fala das formas ideológicas através das quais os indivíduos tomam consciência da vida social, ou melhor, a sociedade toma consciência da vida real. Ele as enumera como sendo a religião, a filosofia, a moral, o direito, as doutrinas políticas etc.

Em Marx, a ideologia surge como um conceito pejorativo, crítico que implica ilusão ou se refere à consciência deformada da realidade que ocorre por meio da ideologia dominante, ou seja, as ideias das classes dominantes são as ideologias dominantes na sociedade. O termo *ideologia* se constituiu em um conceito caro ao marxismo, seguindo trajetória, também, nos trabalho de Lênin que o concebeu enquanto um conceito atrelado a uma classe social, em que assim como havia a ideologia burguesa também havia a ideologia proletária, deixando assim de ter um sentido crítico e pejorativo que teve em Marx, passando a designar qualquer doutrina sobre a realidade social que tivesse vínculo com uma posição de classe.

No debate empreendido por Löwy (2015) apreende-se que a palavra “ideologia” teve o seu sentido problematizado não somente no que se atém às correntes intelectuais, mas também no seio de uma mesma corrente de pensamento. A discussão em torno da ideologia também envolveu uma *arena de disputas* a fim de compreender as suas articulações com o real e com os sujeitos.

Evidencia-se que na perspectiva bakhtiniana a concepção de ideologia funda-se no método dialético marxista, porém Bakhtin e o seu Círculo se queixavam de que esta mesma produção teórica marxista, até o momento de elaboração da obra “*Marxismo e Filosofia da Linguagem*” – nos idos de 1929 a 1930, na Rússia – havia tratado a ideologia de maneira mecanicista, no qual os teóricos marxistas procuravam estabelecer uma relação direta entre os acontecimentos da estrutura socioeconômica e a sua repercussão na superestrutura ideológica. Outro ponto criticado por Bakhtin era o posicionamento que acaba por limitar a ideologia à consciência, enquanto algo que tivesse origem na natureza ou no mundo transcendental (MIOTELLO, 2012).

O posicionamento de Bakhtin e de seus companheiros de Círculo, a ideologia é tomada a partir de uma análise dialética materialista, pois pretendia percebê-la no conjunto das relações sociais, não estando simplesmente encerrada à consciência individual do homem, buscando-a na concretude do acontecimento. Porém, observa-se que até então na tradição marxista havia uma concepção de ideologia que a encerrava enquanto um mecanismo escamoteador da realidade social a fim de legitimar uma classe social ou grupo social (BRANDÃO, 2012; MIOTELLO, 2012).

Contudo, ampliou-se a noção de ideologia que a define como uma visão e concepção de mundo de uma determinada comunidade social de acordo com as circunstâncias históricas. Löwy (2015, p. 25; grifo nosso) pautando-se numa análise dialética, de viés marxista, sobre as ideologias ou as visões de mundo destaca que:

[...] elas são contraditórias, que existe um enfrentamento permanente entre as ideologias e as utopias na sociedade, correspondendo, em última análise aos enfrentamentos das várias classes sociais ou grupos sociais que a compõem. **Em nenhuma sociedade existe consenso total, não existe simplesmente uma ideologia dominante, existem enfrentamentos ideológicos, contradições entre ideologias, utopias ou visões de mundo conflituais, contraditórias.** Conflitos profundos, radicais, que são geralmente irreconciliáveis, que não se resolvem em um terreno comum, em um mínimo múltiplo comum.

A percepção de que a ideologia não ocorre somente de uma maneira binária conforme a disposição das classes sociais (burguesa e proletária), mas

que esta também está presente nos grupos e comunidades sociais demonstra que até mesmo dentro de uma mesma classe social há conflitos ideológicos, não existindo simplesmente uma ideologia dominante, mas que estas estão em constante disputa, haja vista que há contradição entre estas.

Segundo Brandão (2012), essa ampliação irá acarretar numa compreensão que passa a vincular os fenômenos da linguagem à ideologia, tomando a primeira como uma das instâncias mais significativas em que a segunda se materializa. Deste modo, “[...] não há *um* discurso ideológico, mas *todos* os discursos o são”, quer dizer, a ideologia não se constitui em mera “falsa consciência”, dissimulação ou mascaramento, e sim é algo inerente ao signo de modo geral.

Entretanto, não se exclui que os signos são recorrentemente acessados pelas classes dominantes a fim de imporem e perpetuarem o seu modo de vida e visão de mundo. Yaguello (2012, p. 14) em introdução da obra “*Marxismo e Filosofia da Linguagem*”, esclarece: “A comunicação verbal, inseparável das outras formas de comunicação implica conflitos, relações de dominação e de resistência, adaptação ou resistência à hierarquia, utilização da língua pela classe dominante para reforçar o seu poder”. Mas assim como os signos são utilizados pela classe dominante a fim de perpetuar o seu poder, eles também são utilizados como forma de resistência pelas classes não hegemônicas. No processo de comunicação são confrontados valores sociais contraditórios, em que na própria palavra os conflitos de classe se expressam. Conflitos estes que necessitam passarem por completos e aprofundados processos de análises teóricas e metodológicas.

IV Á GUIA DE CONCLUSÃO

Setúbal (2007) salienta que é pela via da pesquisa que o Serviço Social pode romper com a *pseudoconcreticidade*, pois provoca no profissional o desejo de se movimentar, fazendo com que interajam dialeticamente o agir e o pensar, onde pesquisador e/ou profissional responsável por ações institucionais que aparentemente parecem não ter responsabilidade direta com

a produção do conhecimento passa a está envolvido pela prática emancipadora da pesquisa.

Como bem destaca a referida autora, é inquestionável a necessidade do Serviço Social de procurar entender, explicar, conhecer e apreender a realidade, tomando apoio em procedimentos metodológicos cuidadosamente planejados, utilizando uma sólida fundamentação teórica. Abordar sobre uma perspectiva analítica que é ainda um tanto nova para as ciências sociais e humanas como um todo nos exigiu bastante coragem e ousadia, haja vista que a referida teoria além de não ser tão popular, é muito complexa, exigindo um esforço intelectual bem apurado. Entretanto, não há como não destacar sobre a possibilidade de fácil compreensão pelos pesquisadores do Serviço Social que em sua maioria têm os seus estudos intimamente relacionados com a tradição da teoria marxista.

É sempre importante destacar que as entrevistas, grupos focais, relatórios, legislações e outras formas de coleta de dados e de informações nos levam a sistematizar textos/discursos de sujeitos coletivos, que podem nos revelar as lógicas institucionais ou de determinados grupos sociais, que são perpassados por diferentes conflitos, contradições e posicionamentos ideológicos. Salienta-se, também que análise do discurso bakhtiniana não seria simples método de interpretação de dados, mas que também nos oferece um amplo e complexo caminho teórico-metodológico.

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **Língua, Linguagem e Linguística: pondo os pingos nos ii**. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem**. Tradução Michael Lahud e Yara Frateschi. 13. ed. São Paulo: Hucitec, 2012.

BARROS, D. L. P. Contribuições de Bakhtin às teorias do discurso. In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin, dialogismo e construção de sentido**. Campinas: Unicamp, 1997.

BRANDÃO, H. H. N. **Introdução à análise do discurso**. 3. ed. Campinas: Unicamp, 2012.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

KOSIK, Karel. **Dialética do Concreto**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

LARA, Ricardo. Pesquisa e Serviço Social: da concepção burguesa de ciências sociais à perspectiva ontológica. **Rev. Katálysis**, Florianópolis, v. 10, p. 73-82, 2007.

LÖWI, Michael. **Ideologias e Ciência Social: elementos para uma análise marxista**. 20. ed. São Paulo: Cortez, 2015.

MARTINELLI, Maria Lúcia. **Serviço Social: identidade e alienação**. 10.ed. São Paulo: Cortez, 2006.

MARX, Karl. **Manuscritos Econômico-filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2010.

MIOTELLO, Valdemir. Ideologia. In: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

NICOLAU, Maria Célia Correia. Formação e fazer profissional do Assistente Social: trabalho e representações sociais. **Revista Quadrimestral De Serviço Social**, ano 24, n.79, set. 2004.

PEREIRA, Potyara A. P. A utilidade da pesquisa para o Serviço Social. **Serviço Social & Saúde**, Campinas, v. 4, n. 4, p. 1-156, maio 2005.

SANFELICE, J. L. Dialética e Pesquisa em Educação. In: LOMBARDI, J. C.; SAVIANI, D. (Org.). **Marxismo e Educação: debates contemporâneos**. 2. ed. Campinas: HISTEDBR, 2008.

SETÚBAL, Aglair Alencar. **Pesquisa em Serviço Social: utopia e realidade**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

_____. Desafios à pesquisa no Serviço Social: da formação acadêmica à prática profissional. **Rev. Katálysis**, Florianópolis, v. 10, p. 64-72, 2007.

SOUSA JÚNIOR, Justino de. **Marx e a crítica da educação: da expansão liberal-democrática à crise regressivo-destrutiva do capital**. Aparecida, SP: Idéias & Letras, 2010.

SOUZA, S. J. **Infância e Linguagem: Bakhtin, Vygotsky e Benjamin**. 13. ed. Campinas: Papyrus, 2012.

YAGUELLO, Marina. Prefácio. In: BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem**. Tradução Michael Lahud e Yara Frateschi. 13. ed. São Paulo: Hucitec, 2012.